

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Governo tira de quem não tem

O presidente Fernando Henrique Cardoso escorregou mais três pontos no pau-de-sebo da impopularidade, emplacando o recorde de 54% de desaprovação na última pesquisa da *Vox Populi*.

Como já disse que não precisa de popularidade, pois não é candidato a mais nada, não podem ser atribuídos à inquietação presidencial os mais recentes desacertos do governo, empenhado em enriquecer, com adereços de camelô, a sua vasta coleção de trapalhadas.

Já conseguiu estragar um terço do recesso que se esmerara em acolchoar para a tranqüilidade deste julho de convalescência. Os susurros palacianos sobre as intenções de reformar o ministério respingaram sobre a sua esfrangalhada base parlamentar como golfinhas de água de esgoto nos jarros de refresco da festa. Não dará em nada ou parirá o camundongo da troca de desconhecidos ministros por anônimos.

Nem o mais extremado cruzado do estatismo seria capaz de imaginar mais diabólico plano desmoralizante para o modelo oficial da privatização do que o caos que se instalou no sistema de telefonia de longa distância, enlouquecendo os usuários e causando incalculáveis prejuízos à atividade econômica. E que se coroa com o *show* da troca de acusações entre os irresponsáveis e o aparvalhamento do governo, surpreendido com o previsível.

Mas, é assim mesmo: governo que descarilha, custa a reencontrar o caminho.

Agrava-se a preocupação quando, sentindo-se perdido, envereda por saídas erradas. Ou apela para a tapeação, fingindo que achou o desvio no mapa da simulação.

Sempre que se vê em apuros, desaperta aplicando alguns cascudos nos servidores públicos, seu judas particular de estimação. Na ágonia da crise que ameaçou a estabilidade financeira e balançou o esteio do Plano Real, choramingou suas mágoas nos ouvidos do Fundo Monetário Internacional (FMI) e negociou o socorro mediante compromissos explícitos, entre os quais, como de costume, o de fazer cortes na folha de pagamento do funcionalismo.

No alívio do sufoco, parecia que a promessa resvalara para o buraco do esquecimento. De estalo, volta à tona, trautando a melodia de sempre. O ministro do Orçamento, Pedro Parente, saiu da toca para avisar que, até o fim do mês, será oficialmente anunciando o plano de ajuste.

Para regar a ansiosa curiosidade popular, pingou algumas gotas da poção de maldades que está sendo preparada na botica do seu setor. Novidade, a rigor, nenhuma. A receita de sempre, com ligeiras mudanças na dosagem. O novo Plano de Demissões Voluntárias (PDV) melhorou as ofertas da cesta-básica e definiu, como alvo principal, os servidores com nível médio de escolaridade. O que representa 56%, ou seja, cerca de 287 mil dos 509 mil do total dos servidores do Executivo. Para engambelar os trouxas, duplicaram a dose do mel lambuzado na tentativa de 97, com resultados medíocres: em vez de um, dois salários por ano de serviço no pacote de atrativos da indenização.

Para quem preferir cicuta a veneno de rato, oferece-se a disponibilidade com vencimentos proporcionais ao tempo de serviço. E, no fim da linha, o enforcamento na corda da demissão.

Ora, nada disso é sério. É de evidência que entra pelos olhos de um amblíope que, em período negro de desemprego, poucos, pouquíssimos, cairão do conto da demissão voluntária para receber a mixaria da indenização calculada sobre salários congelados há cinco anos.

Depois, como confessa, o governo não tem como podar altos salários nos nichos do Legislativo e do Judiciário. Nem cuida de apelar para o sacrifício de quem teria o que ceder.

Em seguida, para apresentar-se com um mínimo de autoridade moral, antes de espanhar o andar de baixo o presidente Fernando Henrique Cardoso precisa convidar os presidentes do Supremo Tribunal Federal e das duas Casas do Congresso e decidir a fixação do teto salarial para os Três Poderes. Medida altamente moralizadora e esquecida no canto da hesitação pelo receio de desgostar quem pode resistir.

Antes de mais nada, o governo trate de afinar o gogó pelo tom da equidade. Para não rosnar ameaças para os seus servidores desamparados e ronronar, dengoso, para os poderosos de privilégios intocáveis.

e.mail:villasbc@unisys.com.br

Repórter política do JORNAL DO BRASIL